

PRÁTICAS ORGANIZATIVAS DE GRUPOS DE HIP

HOP EM PORTO ALEGRE: UMA ANÁLISE À LUZ DE GUERREIRO RAMOS

Sueli Goulart¹
Guilherme Câmara Dornelas²
Rafaela Reinehr³

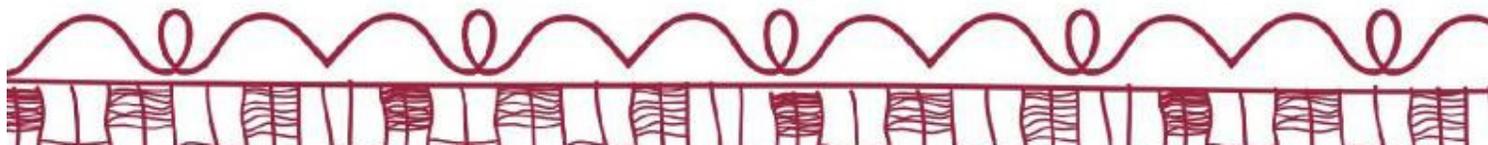
Resumo: neste artigo, nos propusemos a investigar as práticas organizativas de grupos do movimento hip hop em Porto Alegre, à luz das formulações do sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos, enunciadas nas obras “A redução sociológica”, e “A nova ciência das organizações”. Dado o caráter metodológico das formulações de Guerreiro Ramos, recorreremos à teoria como suporte analítico em simultâneo à apresentação dos dados, com uma narrativa sucinta, mas explorando a riqueza teórica do autor e a vivência dos grupos. Os dados foram obtidos mediante técnicas de observação, coleta documental e entrevistas com os *rappers* e líderes de grupos, colhidas entre os anos de 2008 e 2009, analisadas interpretativamente em contíguo ao referencial teórico, numa abordagem de pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Cultura Hip Hop, Práticas organizacionais, Redução sociológica.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. sueligoulart@ea.ufrgs.br.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. gdcamara@ea.ufrgs.br

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. rafinha_mr@hotmail.com



1 Introdução

A rica descrição weberiana do processo de modernização da sociedade, particularmente centrada na racionalidade que orienta as ações sociais, sustenta o argumento da crescente burocratização da sociedade desde o início do século XX. Invadindo todos os espaços das relações sociais, tem prevalecido aquilo que Weber descreveu como a “ação racional conforme fins determinados”, ou seja, os indivíduos, em relações sociais utilizam-se de meios adequados a um fim determinado, fazendo uso de suas expectativas sobre a conduta dos objetos exteriores e dos outros seres humanos como ‘condições’ ou ‘meios’ para conseguir, como resultado, a realização de suas próprias intenções, racionalmente perseguidas e calculadas (WEBER, 2004).

No âmbito dos estudos organizacionais a descrição weberiana foi, por longo tempo, influenciada pela interpretação parsoniana que, ao introduzir a obra de Max Weber nos Estados Unidos, orientou-a para uma abordagem funcionalista-sistêmica. Assim, a racionalidade weberiana, concebida metodologicamente como tipo ideal, foi adequada à teoria parsoniana dos sistemas sociais, isto é, passou a representar a constituição da ordem e sua manutenção. O predomínio dessa orientação se sustentou, entre outros elementos, em uma metodologia tautológica, ou seja, porque se estudavam organizações funcionais, reproduziam-se suas formulações; essas formulações consolidam o arcabouço teórico que, por sua vez, só pode contribuir para iluminar aspectos dessas mesmas formações organizacionais.

Partilhamos da posição de Guerreiro Ramos, de que “o interesse orientador da pesquisa de uma teoria crítica da sociedade é a emancipação do homem, através do desenvolvimento de suas potencialidades de auto-reflexão” (GUERREIRO RAMOS, 1981, p.12). Por isso, neste artigo, nos propusemos a investigar as práticas organizativas de grupos do movimento hip hop em Porto Alegre, à luz das formulações do sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos, enunciadas nas obras “A redução sociológica”, e “A nova ciência das organizações”.

Dado o caráter metodológico das formulações sobre a Redução Sociológica e do caráter propositivo (e não explicativo) da Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais (assim designados pelo próprio Guerreiro Ramos, 1958, 1981), recorreremos à teoria como suporte analítico em simultâneo à apresentação dos dados, de modo a construir uma narrativa sucinta, mas que explore tanto a riqueza teórica do autor como a vivencial dos grupos. Os dados foram obtidos mediante técnicas de observação, coleta documental e entrevistas com os *rappers* Hantaru, Mano Oxi e integrantes do Grupo

Revolução RS (e a auto-denominada ONG *Ksulo*), colhidas entre os anos de 2008 e 2009, analisadas interpretativamente em contíguo ao referencial teórico, numa abordagem de pesquisa qualitativa.

2 Contextualização e apropriação do hip hop à realidade local

O movimento hip hop no Brasil teve sua gênese entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, na seqüência do apogeu dos bailes *black*, que instigaram a consciência e o orgulho racial e, conseqüentemente, novas atitudes, particularmente entre a camada mais jovem da população afro-descendente (RIBEIRO, 2007).

Muito embora as primeiras influências do movimento tenham nos chegado por meio da indústria fonográfica ou trazidas na mala de turistas brasileiros em viagens aos Estados Unidos, berço do movimento, o hip hop foi muito rapidamente difundido e assimilado entre os jovens da periferia das cidades brasileiras. Essa aproximação deve-se à carga de exclusão, luta e resistência que marcam o movimento desde suas origens, no bairro do Bronx, em Nova York.

Lá, em fins da década de 60, o hip hop surgiu como alternativa de reconstruir a identidade negra baseada na união e no orgulho da raça. Segundo Leão (2006, p. 5), um dos elementos centrais do hip hop – o *break* –

é um resgate de várias culturas, como a capoeira brasileira, as artes marciais orientais, a mímica e o sapateado americano e a dança indiana. Esta fusão de expressões corporais abriu uma margem enorme de aproximação com diversos grupos etnicamente diferentes.

O *break* foi o primeiro elemento do hip hop a se popularizar no Brasil por ser semelhante às práticas já existentes nos bailes de *funk* e *soul* que aconteciam na periferia paulistana ainda na década de 70. Os bailes foram, igualmente, a porta de entrada do hip hop na periferia de Porto Alegre, a partir da década de 80. A disseminação dos demais elementos, como o *rap*, as festas comandadas por *disc-jockey* (DJ), *master of ceremony* (MC), e o grafite como via de mensagens do movimento, foram muito rapidamente alcançando os jovens, predominantemente afro-descendentes, das periferias das cidades brasileiras que, tal como o Bronx da década de 60, é frequentemente identificada com a violência, a sujeira, a segregação e a exclusão social.

Tendo, então, um *locus* específico - a periferia das cidades - o hip hop assume também características de um movimento de resistência, de afirmação, não só de etnia, mas também de cidadania e, mais, dissemina-se entre os jovens, a parcela da população que mais é atraída pelo mercado oficial de bens de consumo, ou pelo mercado oficioso

das drogas e da violência. Os jovens, a partir desse *locus*, invadem a cena cultural das cidades e constroem

um fenômeno sociocultural em que, rejeitando a sedução do ‘ouro de tolo’ oferecido pelo monopólio da indústria fonográfica fabricante de modismos comportamentais [...] organizam-se em posses⁴ Brasil afora, realizando estudos e eventos, produzindo arte, interferindo na linguagem e na metodologia educacional, reivindicando políticas públicas e propondo resistência, independência, autenticidade, atitude (FAUSTINO, 2001, p. 10).

Enquanto perduram discussões acerca da caracterização do hip hop como movimento social ou cultural de rua (ROCHA; DOMENICH;CASSEANO, 2001), o fato é que já se identifica uma ação social que se realiza ao impulso de certos parâmetros ideológicos de autovalorização da juventude de ascendência negra, por meio da recusa consciente dos estigmas de marginalidade e violência. E, é bastante provável que, pelos elementos que compõem o movimento, estejam surgindo novas práticas de organizar ações coletivas de participação e de afirmação identitária, em articulação com outros atores sociais. A começar pela centralidade da linguagem e das interações locais em suas ações, apesar da transnacionalidade de seus elementos.

Paoli (1991, p. 110), ao discorrer sobre as inovações dos movimentos surgidos na transição do período da ditadura militar para o de (re)democratização do País, assim os caracteriza:

o(s) sujeito(s) que a cultura contemporânea encena é outro: é um que reivindica o sentido de suas experiências tal como as vivencia em práticas específicas de atribuição de significado; está disposto a assumir o seu próprio descentramento, o localismo do espaço onde atua, o caráter imediato de sua ação; em uma palavra [...] sujeitos auto-referenciados e auto-instituintes de seu mundo, de suas diferenças e similitudes, de suas identidades e alteridades.

Essa caracterização nos parece bem representar as ações dos grupos de hip hop, cuja principal arma é a palavra, suporte para as atividades culturais e artísticas e, ao mesmo tempo, recurso que tem levado os jovens a refletir sobre sua realidade e a tentar transformá-la (ANDRADE, 1999).

Da mesma forma, remete à idéia de redução sociológica que, por sua dimensão praxiológica, agrega ao “*imperativo de conhecer*”, regido por uma “*atitude metódica*”, a “*necessidade social de uma comunidade que, na realização de seu projeto de existência histórica tem-se servido da experiência de outras comunidades*” (GUERREIRO RAMOS, 1965, p. 81-82, grifos do autor).

⁴ Quando dois ou mais grupos de rap se reúnem, formando uma turma ou associação, para realizar ações sociais na sua comunidade (ROCHA; DOMENICH;CASSEANO, 2001)

Nesse sentido, o movimento hip hop pode ser tomado como um objeto bastante rico para a compreensão de fenômenos que, em virtude (e apesar) de serem originalmente transnacionais, ou mesmo “*estrangeiros*”, realizam ações e interações territorialmente e culturalmente situadas. Isso pudemos observar entre os grupos de hip hop do Rio Grande do Sul, onde o movimento chegou em meados da década de 80.

O rap é o elemento hip hop que tem maior expressão no estado. Segundo estimativa feita pelo programa Hip Hop Sul, exibido pela rede pública de televisão do RS – TVE – e referida na pesquisa de Fialho (2003), existem cerca de quinhentos grupos de hip hop no RS.

O grande número de grupos sugere a busca intensa por mecanismos e veículos de expressão e, como pudemos constatar nas entrevistas, uma necessidade de relatar a realidade de sua comunidade, construindo e estabelecendo códigos locais, carregados de significados para os próprios grupos e suas comunidades, ou seja, localmente referenciados. Ao mesmo tempo, ouvir e identificar suas próprias histórias de vida, de sua vizinhança, fez com que muitos jovens também se lançassem às rimas, como nos relatou Hantaru:

*Com uns 8 anos, comecei a ouvir que a polícia batia nos mais pobres, nos mais pretinhos, que a casa do cara é assim, daí eu comecei a me identificar, e é um jeito do cara botar a raiva para fora de um jeito sadio, daí eu comecei a escrever, a participar de festivais, a me dar bem e foi indo...
... O que me despertou foi a letra com sentido social...*

O expressivo número de grupos, bem como sua forte atuação nos centros urbanos, tem, inclusive, criado espaços formais nos níveis municipal e estadual de valorização de seus trabalhos, como ocorreu com a promulgação da Lei Municipal 10.378/08, que instituiu a Semana Municipal do Hip Hop, integrando o calendário oficial de eventos no município e agendada para ocorrer anualmente, na segunda semana de maio, de Porto Alegre. Durante a Semana, “será promovida a divulgação de trabalhos realizados nas diversas modalidades artísticas características do movimento ‘hip-hop’, como o ‘break’, o grafite, o ‘rap’, dentre outras modalidades artísticas do movimento”. Prevê a lei, entre outros, que a “sociedade civil, mediante representantes do Movimento Hip Hop organizado” integrará a comissão organizadora da Semana (PORTO ALEGRE, 2008). Em setembro de 2008 a Semana foi estendida a todo o estado, mediante a promulgação da lei n. 13.043/08 (RIO GRANDE DO SUL, 2008).

Fruto de intensa mobilização de integrantes e militantes do movimento hip hop, a promulgação da lei foi celebrada durante o 1º Encontro Estadual do Hip Hop, realizado em junho de 2009, com grande participação popular, como se vê nas fotos abaixo.



Foto 1 – I Encontro Estadual de Hip Hop, em Porto Alegre, 2009



Foto 2 – Público presente ao 1º Encontro Estadual de Hip Hop, em Porto Alegre

A expressão contestadora e combativa dos grupos de hip hop se realiza por meio do discurso, ou seja, no conteúdo denunciador das letras, de cunho social e político. A maneira como se dá a expressão no movimento contribui para a redução da realidade do hip hop estrangeiro ao contexto nacional, e sobretudo local. Os grupos atuam politicamente a partir da necessidade social de uma comunidade específica. Não parece haver aderência a um modelo de hip hop estrangeiro; incorporando a realidade local à música, recontextualizando as práticas discursivas e assim, resignificando-as.

Devido à sua carga histórica, o *lócus* traça indubitavelmente tanto a identidade dos indivíduos quanto a dos próprios grupos de hip hop, como se pode ver na manifestação de Hantaru, já apresentada neste texto.

A identificação entre a vida dos jovens na periferia e os elementos do hip hop tem também um forte acento racial. Outro integrante de grupo de hip hop e militante cultural, Mano Oxi, enfatiza o aspecto “africano” do hip hop. Ressalta a “batida” do hip hop referenciada aos tambores e o característico “*canto falado*” das músicas, como uma marca da oralidade da cultura africana.

O que pudemos observar nas entrevistas, no Encontro, nos programas veiculados pela TVE e nos jornais locais, é que os grupos de hip hop vem se inserindo em várias atividades culturais e educativas no estado, como realização de oficinas de rap e grafite em presídios, em escolas municipais etc. Os grupos parecem ter encontrado tanto espaços para sua expressão cultural, política e artística, como também para a sobrevivência dos integrantes. Além de atuarem nos grupos de hip hop propriamente ditos, também formam ou aderem à organizações não governamentais (ONGs) para elaboração e execução de projetos, criam empresas comerciais para produção e venda de roupas, cd's, shows etc. Alguns atuam também na assessoria a deputados, como elos de ligação entre os grupos, as comunidades e os representantes. Por meio dessa atividade, tem conseguido introduzir temas de interesse dos grupos na pauta dos governos municipal e estadual, como o caso das já citadas leis.

Se é verdade que essa dinâmica dos grupos, suas reivindicações tanto quanto os quesitos estéticos, rítmicos e, sobretudo, a ênfase nos elementos essenciais hip hop (o *break*, o *rap* e o grafite) mantém a referência norte-americana, também é fato que elucidam divergências ideológicas existentes entre os movimentos nos dois países.

Enquanto nos Estados Unidos os grupos vem incorporando elementos próprios do mercado à música, como a exaltação à individualidade, à posse de bens de consumo e ao ganho financeiro, o cunho ideológico que caracteriza o discurso contestador visivelmente perde forças, salvo exceções como o grupo *Public Enemy* e a dupla *2 PAC*. Em Porto Alegre, ainda é possível reconhecer na maioria dos grupos a ação de denunciar e tentar alterar as condições em que vivem as pessoas nas periferias, expondo a fundamentação sócio-política de sua atuação.

Por isso, a atuação dos grupos de hip hop de Porto Alegre remete à noção de redução sociológica, formulada por Guerreiro Ramos em 1958, que a apresentou como um método baseado: 1) na assimilação crítica da produção sociológica estrangeira; 2) numa atitude parentética, que permita ao indivíduo transcender, no limite do possível, os condicionamentos circunstanciais que conspiram contra sua expressão livre e autônoma; e, 3) na superação da sociologia calcada apenas na reprodução de conceitos nos meios universitários (GUERREIRO RAMOS, 1996). Assim, a redução sociológica converte o modelo universal e acrítico da sociologia em uma atitude crítico-assimilativa.

Essas formulações nos pareceram bastante presentes nos grupos com os quais mantivemos contato e nos dados que coletamos. O distanciamento entre a prática discursiva dos grupos locais em relação ao que eles próprios percebem do que

atualmente ocorre nos Estados Unidos fica evidente quando integrantes do movimento afirmam que

as letras deles não têm nada a ver com as nossas. As letras deles só falam sobre dinheiro, diamante, carro e mulher. Quando o Ja Rule esteve aqui eu [Hantaru] conversei com ele. Ele me contou que antigamente eles até faziam Rap de protesto, mas ninguém escutava”.

Considerando que o rap e o grafite são os meios pelos quais mais se propaga a ação discursiva dos grupos de hip hop, ressaltamos a importância de uma articulação ético-estética entre os seus significantes e significados, de modo a minar eventuais esforços de resignificação dos conteúdos, com vistas a fins econômicos, como ocorrido nos Estados Unidos.

3 Uma análise do hip hop à luz da Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais

Guerreiro Ramos (1983, p. 38-39), ao realizar análise crítica a respeito da racionalidade weberiana, afirma que a diferenciação das duas modalidades de ação racional feita por Weber carecia de considerações acerca “dos elementos irracionais que perturbam o rendimento ou êxito daquela conduta”. Em razão disso, o autor remete à apreciação os adjetivos “funcional” e “substancial”, para destacar, respectivamente, a ação que se afere “em função de um objetivo preestabelecido” e aquela que “atesta a transcendência do ser humano, sua qualidade de criatura dotada de razão”. Inspirado em Karl Manheim, o autor esclarece que “a racionalidade substancial é estreitamente relacionada com a preocupação em guardar a liberdade”.

A reflexão sobre as racionalidades que fundamentam as práticas organizativas do movimento hip hop não se resumem a uma mera taxonomia entre racionalidade funcional e racionalidade substancial. Cabe compreender como tais práticas integram a ação dos grupos, de modo a responder pelo modo de vida que assumem como prioritário em suas atividades; ou seja, não se trata de “medir” o quanto de funcionalidade ou substancialidade se encontram presentes em suas ações, mas como tais racionalidades se manifestam e o espaço que ocupam em suas rotinas de ações e projetos.

Determinados discursos, letras e grafites representam aquilo que Guerreiro Ramos (1981) qualifica como percepções inteligentes das inter-relações de acontecimentos, numa situação determinada. Vamos ilustrar a afirmação com uma sequência de depoimentos de integrantes dos grupos.

O surgimento da Ksulo, um coletivo auto-denominado como uma organização não governamental, relatado pelo *rapper* PX, demonstra como as ações de grupos de hip hop possuem outra fundamentação que não o “cálculo utilitário das conseqüências”:

a Ksulo é, a princípio, parte da idéia de um grupo chamado Revolução RS, [constituído] por moradores da Bom Jesus, na necessidade de suas letras, que sempre tiveram uma certa pitada de idéias, de ideologias, de atitude e de alguma forma nós tava fazendo algo mais do que cantar, de rimar que seria a necessidade que nós tínhamos de estar contribuindo com a nossa comunidade e com a juventude que estava assim, vindo né?

A fala de PX indica um processo discursivo que, a partir do exercício criativo de *cantar, rimar*, se conecta à suas próprias vivências em um espaço social determinado. Ou seja, a faticidade da vida na periferia envolve e articula as práticas discursivas que, neste caso, conduzem para práticas organizacionais, inclusive almejando espaços formais de organização. A ONG é uma constante “intenção” dos integrantes do grupo, que a vêem como a possibilidade de viabilizar projetos e formalizar a participação em espaços públicos. Segundo outro integrante do grupo, há cerca de 2 anos puderam, numa articulação entre a Ksulo e a Diaconia, desenvolver projetos de realização de oficinas de serigrafia para jovens na comunidade. Do ponto de vista formal, não existe a Ksulo, apesar dos esforços do grupo para registrá-la. Entretanto, a Ksulo é frequentemente referida em eventos relacionados ao hip hop e também às políticas para a juventude desenvolvidas pelo município ou pelo estado.

Seu envolvimento com a comunidade da Vila Bom Jesus tem também o sentido de fortalecer a identidade e a auto-estima dos moradores. Em meados de 2008, uma série de reportagens veiculadas em diversos meios da capital, entre os quais o Jornal Zero Hora, o de maior circulação no estado, deram destaque para a violência no bairro, movida por grupos criminosos ali situados (ETCHICHURY, 2008). Destacamos a reportagem em que o comandante geral da Brigada Militar anunciava:

Pretendemos ficar cerca de 15 dias aqui, 24 horas por dia, para termos controle do que está acontecendo. Vamos fazer barulho. [...] explicou o comandante-geral da BM, coronel Paulo Roberto Mendes.

Cerca de um mês depois, integrantes do grupo Revolução RS se juntaram a moradores do bairro e escolheram um dos pontos mais referenciados nas reportagens para expressar, por meio do grafite, sua resistência, seja à violência das armas e do tráfico que atinge a toda a cidade (e não apenas aquele bairro), seja à violência da mídia que marca os moradores com a pecha de violentos e traficantes, numa visão simplista e preconceituosa da realidade. Numa citação à linha de ônibus que circula pelo bairro – a 470 – os manifestantes registraram, no muro de uma das casas (com autorização dos moradores) a frase: 470 pede Paz, ilustrada com a figura de um jovem, com boné da Ksulo, como se pode ver abaixo.



Foto 3 – Grafite na Vila Bom Jesus

Assumindo que a vinculação dos indivíduos a um grupo de hip hop é racional, é possível afirmar que ela não está calcada em fins puramente utilitaristas, embora sejam importantes tanto o reconhecimento da comunidade como a possibilidade de obter renda através da música ou outras atividades ligadas ao hip hop. Contudo, rechaçamos a hipótese de que a adesão ao hip hop esteja fundada em uma racionalidade puramente funcional, ou seja, “determinada por uma expectativa de resultados” (GUERREIRO RAMOS, 1981, p. 5). No universo artístico, particularmente no Brasil de hoje, a atividade musical, particularmente aquela voltada aos jovens, implica, com muita frequência, na adesão a mecanismos de mercado de forte impacto sobre as letras, as atitudes e o acesso que os cantores e compositores obtêm aos meios de comunicação.

É certo que alguns grupos de hip hop participam desse mercado, mas sua força discursiva ainda se dirige para temáticas locais e comunitárias, ainda que busquem também algum meio de sustentação econômica, inclusive para que os indivíduos possam se resguardar dos apelos, sempre presentes, a atividades ilícitas.

Questionado acerca da orientação comercial dos grupos de hip hop de Porto Alegre, Hantaru diz:

Uma parte comercial tem que ter se não tu vai morrer de fome, o cara que fala para mim que não é comercial é mentira. Quem vai numa rádio tem que ter uma música que o cara da rádio goste, ou então ele não vai tocar.

Entretanto, afirma, veementemente que não mudaria suas letras para vender:

Não! Eu tive a oportunidade de entrar em grupos estourados, ganhar dinheiro, mas eu não quis mudar minhas letras. No meu CD tem vários tipos de músicas, a gente tenta fazer mesclado, mas falo o que eu tenho que falar. Eu falo de festas também, tu ri, tu brinca, tu tem namorada, mas não vou fazer um CD também só sobre festas, afinal, não pode perder o lado social. O importante é não perder as origens, falar dos problemas, do que o pessoal de onde tu vem quer ouvir.

Vê-se que as ações são, evidentemente, orientadas por diferentes tipos de racionalidade, mas percebe-se também a prevalência de valores a orientar a conduta dos indivíduos. Inferimos que muito desses fundamentos vêm a partir da identificação da situação coletiva precária, da busca de perspectivas para sair de uma situação desfavorável, em todos os sentidos.

Mano Oxi, líder do grupo DNA – Dinastia Negra Absoluta – afirma

na periferia, a limitação do acesso aos saberes (escola, aulas de música etc.) leva os jovens ao envolvimento com o tráfico de drogas e a criminalidade.

Cita sua própria história de vida para ilustrar o que diz: aos 14 anos pegou em uma arma, aos 25 se tornou chefe do tráfico. E acrescenta:

quem seria eu, qual seria o meu futuro? Perdi mais de 100 amigos para o crime, para a prisão.

Mano Oxi tem hoje 33 anos e trabalha na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, na assessoria ao deputado Raul Carrion, dando suporte especialmente às temáticas relacionadas à cultura afro-brasileira e à juventude, além, evidentemente, do hip hop. Considera que o hip hop

proporciona a criação de um novo personagem e que o rap é a terapia dos marginalizados; o divã da periferia.

Percebemos que a inserção de atividades econômicas, para os líderes dos grupos estudados, está voltada para a tentativa de abrir alternativas aos jovens das periferias, não são o alvo prioritário de suas ações, mas um meio para contornar as dificuldades de sobrevivência das pessoas. Como expressou Tiririca, responsável pelo desenvolvimento de atividades de hip hop no bairro Rubem Berta:

dentro das comunidades carentes de Porto Alegre se criam pessoas de grandes talentos que às vezes não florescem por falta de oportunidade. [...] O trabalho social dentro do Hip Hop... ele é bem maior do que grana. Só que essa coisa de o hip hop ta podendo tramitar dentro de uma coisa digna, das coisas que ele faz, tem que ter o apoio do poder público..

A Ksulo faz trabalhos com jovens de periferia de modo a integrar os quatro elementos do hip hop - o rap, o grafite, o DJ e o b.boy. Para PX, da Ksulo,

eles são elementos que dentro dos seus guetos hoje desenvolveram um compromisso social muito grande. [...]. E o rap foi uma oportunidade acho que não só pra mim como também pra outras comunidades; uma forma pra nós hoje ter de fato uma certa autonomia na sociedade. [...] muitos vêm o rap hoje como uma forma de marginalização vamos dizer assim; pra nós o rap , o hip hop ele se tornou uma fonte de renda, uma fonte de trabalho é melhor, e também uma forma da gente mostrar uma parte da cultura, uma cultura que muitas vezes tava “enguetizada” dentro destas comunidades. O hip hop mostra hoje pra sociedade que não é só isso, não é um bando de neguinho querendo imitar ou tentando mostrar uma coisa que não existe. Na verdade a gente rima hoje a realidade que acontece dentro das periferias numa forma a qual a sociedade de hoje fica espantada em saber de que forma que essa galera se organiza, como é que a

gente se organiza. E pra começar a fazer o hip hop, na verdade a gente precisa mesmo é de uma oportunidade; de nossa necessidade de poder explorar, de poder divulgar, de poder acontecer.

O que fica evidente no discurso de PX é que o movimento hip hop se apresenta como uma forma alternativa ao projeto hegemônico vigente de organizações voltadas para o mercado. Contudo, não seria apropriado afirmarmos que o hip hop se insurja contra o mercado, ao mesmo tempo em que não busca uma mera inclusão nele, posto que em uma sociedade centrada no mercado, as economias são livres para modelar a mente de seus membros e a vida de seus cidadãos, de modo geral.

Reconhecemos no hip hop uma preocupação com artefatos culturais que representem e formem simbologias próprias da periferia, a partir do território sócio-histórico local e da linguagem ali compartilhada. Para além disso, o movimento age a partir da preocupação com a realidade local, de modo a alterar o modo de vida vigente. Para Hantaru,

o hip hop é fazer uma revolução no lugar em que tu vives. É como se fosse uma organização de gurizada que quer fazer alguma coisa... A gente tenta fazer alguma coisa de algum jeito.

Ao mesmo tempo, o mercado não é uma categoria ausente das lutas e da ação do movimento hip hop. Tiririca elucida a importância da atuação do movimento na periferia para a atualização pessoal e profissional das pessoas:

o hip hop não é só a parte cultural e, sim, pode fomentar trabalho e renda para os neguinho que fazem o hip hop e para uma comunidade - o que é mais importante ainda né? - e gerar emprego numa época em que a gente vê aí uma crise tão grande que o jovem muitas vezes não tem a oportunidade de trabalho porque o mercado muitas vezes exige muita coisa e muitas vezes não existe oportunidade pra esse princípio no trabalho. A Ksulo hoje é uma fomentadora de trabalho, formação e renda através da cultura, hoje a Ksulo desenvolve o projeto de serigrafia na qual o jovem aprende a fazer o grafít; depois do grafite ele aprende a passar pra dentro dos computadores, a trabalhar com Corel Draw, Photoshop. Depois que eles trabalham com Photoshop e com o Corel Draw eles passam pros berços de serigrafia e desenvolvem as camisetas, as estampas, o que na verdade nas estampas eles estão imprimindo a própria cultura ali né? E aí depois eles aprendem a distribuição e venda.

Uma peculiaridade do movimento hip hop é a sua forma própria de organização. Ao contrário de outros movimentos sociais, cujas práticas organizativas criam estruturas bem definidas, o hip hop se aproxima da categoria fenonomia, elaborada por Guerreiro Ramos (1981, p. 152). Esse tipo de organização “[...] é parte do esforço de expressão que mobiliza a atividade criadora de um pequeno grupo, ou de um indivíduo isolado”. O autor esclarece que os resultados obtidos pela atividade de uma fenonomia podem ser considerados em termos de mercado. No entanto, os critérios econômicos são incidentes

em relação à motivação dos seus membros. O desenvolvimento de uma cultura própria em coerência com o território em que se realiza é o mote do movimento. Para PX,

o hip hop é cultura, é música e traz essa gama de conhecimento porque hoje aí nos defrontamos com a globalização, com toda essa informação acontecendo...

Em uma fenonomia, o indivíduo possui uma consciência social sem abrir mão de sua própria singularidade. Um outro ponto de confluência entre o movimento e uma fenonomia é o seu caráter esporádico, ou mais ou menos estável. Em Porto Alegre, o movimento hip hop não se realiza a partir de uma estrutura organizacional fixa, como afirmou Péia:

cada periferia tem uma forma de organização, a sua forma de se construir, então isso nos leva à palavra independente porque se a gente não for independente, como é que a gente vai organizar a Bom Jesus, vai organizar a Zona Norte? Não funcionaria dessa forma porque o diálogo, o dialeto é diferente dentro destas comunidades.

No entanto, os eventos de hip hop em Porto Alegre conseguem juntar grupos de todas as zonas da cidade. O que podemos perceber é que as articulações se realizam *ad hoc*, mantendo as peculiaridades de cada espaço local ao mesmo tempo em que contribuem para a realização de um espaço banal na cidade. Os grupos formam um movimento que se constitui

independente na organização, mas a idéia é unificada, porque a mesma proposta que a Ksulo tem, está presente nas outras comunidades; é a mesma proposta que o hip hop tem pra sociedade, afirma PX.

Essa forma de combinar independência com ações articuladas tem levado, inclusive, a questionamentos sobre a caracterização do “movimento” hip hop. Veja-se a manifestação de Hantaru a respeito:

Na realidade movimento não tem. Na música sempre tem um que quer levar vantagens do outro, tem movimento quando tem que ter e também não tem. Todo mundo quer ter sua música tocando no rádio, então os grupos até se dão bem, mas ao mesmo tempo tem aquela disputa. Até temos causas em comum, mas é como na política, todos querem as mesmas coisas, mas não querem, é difícil de explicar, sei lá...

Mano Oxi, ao refletir sobre a questão, diz preferir a expressão *jovens em movimento*, ou, *hip hop em movimento e não movimento hip hop*. Entretanto, destaca a grande movimentação dos grupos no Brasil e percebe uma forma *desorganizada de organizar*.

4 Considerações finais

O escopo amplo dos objetivos dos grupos de hip hop permite-nos assumir que o movimento não se constitui apenas por grupos específicos e suas articulações, mas por todo indivíduo que tenha contato com qualquer uma das expressões que integram a sua ação discursiva, extrapolando os limites da periferia, mesmo sendo desde a periferia. A

ação discursiva de grupos do movimento hip hop de Porto Alegre atua em vias de possibilitar diferentes articulações e práticas organizacionais, de caráter substantivo, em oposição à racionalidade funcional dominante na contemporaneidade do sistema de mercado.

A música, ou, a *rima*, representa e afirma a identidade de grande parte de uma população jovem marginalizada, periférica, majoritariamente afro-descendente, no âmbito de espaços culturais mais amplos que antes não consideravam as idéias e práticas expressas por aqueles atores (TRAPP, 2005). Mas, se começa por aí, como vimos na manifestação de Hantaru, avança para muitos outros espaços, como pudemos ver também na atuação de Mano Oxi e em todas as manifestações dos integrantes de grupos com os quais pudemos contatar.

Influenciados pela “*experiência estrangeira*”, mas, nascidos e alimentados nos guetos, nas periferias, os grupos de hip hop parecem realizar o “*procedimento crítico-assimilativo*” próprio da redução sociológica. Assim, sua ação “não implica isolacionismo, nem exaltação romântica do local, regional ou nacional. É, ao contrário, dirigida por uma aspiração ao universal, mediatizado, porém, pelo local, regional ou nacional” (GUERREIRO RAMOS, 1965, p. 83-83, grifos do autor).

Por fim, em agradecimento aos integrantes dos grupos que nos receberam e em homenagem à sua luta, registramos duas citações de Guerreiro Ramos que pode muito bem representar o que, arduamente, eles vem tentando fazer:

A autoconsciência coletiva e a consciência crítica são produtos históricos. Surgem quando um grupo social põe entre si e as coisas que o circundam um projeto de existência (GUERREIRO RAMOS, 1965, p. 58).

[...] A personalidade histórica de um povo se constitui quando, graças a estímulos concretos, é levado à percepção dos fatores que o determinam, o que equivale à aquisição da consciência crítica. A consciência crítica surge quando um ser humano ou grupo social reflete sobre tais determinantes e se conduz diante deles como sujeito” (GUERREIRO RAMOS, 1965, p. 60-61).

Referências

ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.) *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

ETCHICHURY, Carlos. BM monta acampamento na Vila Bom Jesus. *Zero Hora.com*, 29 de agosto de 2008. Disponível em: [http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Geral&nnewsID=a2147820.xml](http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Geral&newsID=a2147820.xml). Acesso em 10 jan. 2009.

FAUSTINO, Oswaldo. Das ruas ao coração! In: ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. *Hip hop: a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 9-12.

- FIALHO, Vania A. Malagutti da Silva. *Hip hop sul: um espaço televisivo de formação e atuação musical*. 2003. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Música. Porto Alegre, 2003.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. *A Nova Ciência das Organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1981.
- _____. _____. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- _____. *A Redução sociológica: introdução ao estudo da razão sociológica*. Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1958.
- _____. _____. 2. ed., corr. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.
- _____. _____. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- LEÃO, Maria Aparecida da Silva Leão. *O negro no mercado de trabalho pela cultura Hip Hop*. Caxambu, 2006. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Disponível em:
http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_371.pdf. Acesso em 15 fev. 2008.
- PAOLI, Maria Celia. As ciências sociais, os movimentos sociais e a questão de gênero. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 31, p. 107-120, out. de 1991.
- PORTO ALEGRE. Lei n. 10378 /2008, de 6 de fevereiro de 2008. *Institui a Semana Municipal do Hip-Hop, a ser realizada anualmente, na segunda semana do mês de maio, que passa a integrar o Calendário Oficial de Eventos do Município de Porto Alegre, e dá outras providências*. Porto Alegre, 2008. Disponível em:
<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nphrs?s1=000029603.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT>. Acesso em 06 out. 2008.
- RIBEIRO, Christian Carlos Rodrigues. *Novas formas de vivências nas Polis brasileiras? A ação transformadora da realidade urbana brasileira pelo Movimento Hip Hop*. [Campinas] 2007. [Trabalho apresentado em Seminário]. Disponível em:
http://www.usp.br/fau/eventos_sn/paisagemeparticipacao/movimentossociais/A02_hiphop.pdf. Acesso em 29 fev. 2008.
- RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 13.043, de 30 de setembro de 2008. *Institui a Semana Estadual do Hip-Hop, a ser realizada, anualmente, na segunda semana do mês de maio, e dá outras providências*. Porto Alegre, 2008. Disponível em:
http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=52092&hTexto=&Hid_IDNorma=52092. Acesso em 10 jan. 2009.
- ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. *Hip hop: a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- TRAPP, Erin. The push and pull of hip hop: a social movement analysis. *The American Behavioral Scientist*, v. 48, n. 11, p. 1482-1495, Jul., 2005.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora UNB, 1994.